

COMO LER IMAGENS?

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo. Melhoramentos. 2012. 184 p. (Coleção *Como eu ensino*).

Rodrigo da Costa Araujo¹

Como ler imagens? Como elas se apresentam? Como indicam o que querem indicar? Como e por que elas significam? Como as imagens são produzidas e tramadas? Como elas pensam? Essas, dentre várias outras perguntas, são motivos chave para a existência do novo livro da pesquisadora Lucia Santaella. A leitura, certamente, - e acompanhando essas indagações da obra - está para além do livro impresso e do código linguístico.

Leitura de imagens (2012), de Lucia Santaella é, como o próprio título encaminha, uma obra que se propõe a pensar o ensino teórico e prático da leitura de elementos não verbais e suas possíveis significações e elementos estéticos em signos visuais. Para tal proposta, a pesquisa dedica-se às imagens fixas e bidimensionais, ou seja, centra-se nas imagens que podem ser representadas em superfícies planas ou impressas.

O livro, em seu todo textual, é organizado em cinco capítulos, cada um deles dedicado a um tipo de imagem que se pretende ler. Imagens na arte, na fotografia, nos livros infantojuvenis, na publicidade, no *design* e no cinema. Sem perder de vista a importância da leitura em suas várias linguagens e representações, essa obra contribui para o estudo e a análise de enunciados em que textos e imagens se imbricam como um todo na significação ou semiose.

¹ Professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte e Doutorando em Literatura Comparada. Pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ/ CNPq e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF. profrodrigopuc@hotmail.com

Todas as imagens, também entendidas como enunciados, em suas dimensões verbo-visuais, sincréticas ou multimodais, conforme a teoria que as designa, possuem códigos e sentidos que precisam ser lidos, percebidos em sua trama. Tal como linguagem verbal, em que há sistemas e maneiras para ser lida de acordo com seu contexto linguístico, a linguagem visual apresenta técnicas e estratégias que extrapolam o limite do visual ou do óbvio diante dos olhos.

Mesmo delimitando a leitura das imagens a um só território, o das representações visuais, Santaella utilizou o plural porque trabalha com tipos diversos de imagem para demarcar os traços sógnicos que diferenciam uma das outras. As imagens como representações visuais diferem de acordo com a finalidade a que se prestam. Elas, segundo sua leitura, podem ter por finalidade aguçar e ampliar nossa capacidade perceptiva, nossa sensibilidade visual ou servir à captura do nosso desejo por adquirir produtos veiculados pela publicidade. Outras finalidades, diferente dessas, assumem as imagens nos livros infantojuvenis ou do *design*.

Os cinco capítulos são arrumados, didaticamente, em explicações teóricas, etimológicas, históricas ou contextuais acerca do tipo de imagem tratada; para em seguida apresentar elementos estéticos que caracterizam a imagem específica. Na sequência de trabalho com a leitura, são criados roteiros metodológicos que exploram as categorias estudadas no capítulo. Nas rubricas *Como eu ensino* - proposta pedagógica de trabalho em sala de aula e que perpassa o livro todo - a autora descreve um roteiro de ações pedagógicas que o professor deve realizar para fazer a leitura de imagens com seus alunos, tal como o capítulo sugere com determinada imagem específica.

Cada capítulo, ao final da leitura proposta, sistematiza uma listagem de sugestão para o leitor pesquisar mais sobre aquele determinado recorte. Todos os capítulos, nesse sentido, e com essas sugestões de pesquisas ao final de cada proposta, podem ser lidos em sua autonomia e recorte específico, sem prejuízo de perder a totalidade da obra que pretende analisar linguagens em que imagens e textos estejam imbricados em estéticas distintas.

A introdução do livro - porta de entrada para a proposta - trata da necessidade de expandir o conceito de leitura, uma vez que ele não fica restrito ao código linguístico ou a elementos, predominantemente, verbais. Mais do que nunca, a escrita, unida à imagem, ao som, ao movimento, ou a outros recursos imagéticos, afasta a visão purista

da leitura restrita à decifração da letraö (p. 11) do enunciado verbal, construindo, a esse modo, um novo leitor, chamado por Lucia Santaella, de òleitor imersivoö.

Para fundamentar o conceito de leitura que a obra amplia, Lucia Santaella, considera e retoma intertextualmente a expressão *visual literacy* (letramento visual ou alfabetização visual). A partir dessa premissa, para se ler uma imagem, òdeveríamos ser capazes de desmembrá-la parte por parte, como se fosse algo escrito, de lê-la em voz alta, de decodificá-la, como se decifra um código, e de traduzi-la, do mesmo modo que traduzimos textos de uma língua para outra" (p.12).

Ressignificada, a alfabetização visual, nesse caso, significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem, no entanto, fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, nessa perspectiva, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam em suas diversas facetas e modos específicos.

Na rubrica *O que é imagem*, Lucia Santaella discute o conceito de imagem há partir do princípio platônico: existem imagens naturais, como as refletidas na água e existem imagens artificiais, como as produzidas, criadas ou recriadas pelo homem. Com base nessa distinção, a estudiosa instaura uma breve discussão entre os ideais naturalistas e os convencionalistas sobre a imagem. Porém, os dois vieses possuem o caráter de duplo, inerente e decorrente da similaridade entre imagem e o que dela pode ser representada.

No primeiro capítulo - *Imagens na arte* - são apresentadas outras rubricas que apontam aspectos relevantes das tendências artísticas, como a renascentista e as vanguardas estéticas do modernismo (impressionistas, expressionistas, cubistas, surrealistas e construtivistas) e a relevância da pintura para a leitura da imagem. Todas essas tendências, plurais em suas variedades e estilos, formas e práticas, resultariam na diversidade de hibridismos e polifonias que caracterizam a arte contemporânea.

Nesse capítulo, ainda, a estudiosa apresenta os elementos visuais primários, tais como: o ponto, a linha, o contorno, a direção, o tom, a cor, a textura, a escala, a dimensão e o movimento e, além disso, sistematiza, rapidamente, as principais técnicas de *desenho* (desenho a carvão, lápis grafite, sanguínea, sépia, pedra negra, giz de desenho, pastéis secos, pastéis de óleo e tinta chinesa), *pintura* (afresco, aquarela,

guache, têmpera, pintura a óleo, acrílico, colagem, *frottage*) e a *gravura* (gravura em metal, xilografia, litografia, linóleo, serigrafia) descrevendo-as.

Além das principais técnicas do desenho, o capítulo explora/discute, ainda, elementos fundamentais para leitura em cada modalidade de pintura. Dentre elas, a pintura renascentista e sua perspectiva monocular, a pintura impressionista e a criação dos efeitos de luz e a pintura simbólica quando os significados de seus elementos só podem ser entendidos, segundo Santaella, ãcom a ajuda do código de uma convenção culturalã (p.58).

No segundo capítulo que trata da rubrica *Imagens na fotografia*, discutem-se as imagens no cinema, na fotografia, no vídeo e na televisão como õimagens tecnológicasõ e não, como muitos pensam, õimagens técnicasõ. Fundamenta-se essa escolha no fato da õtécnicaõ explorar um saber fazer e, por sua vez, a õtecnologiaõ integrar a técnica. Pautando-se da etimologia dos termos, a semioticista considera que a fotografia incorporou, no seu funcionamento, o conhecimento técnico da perspectiva monocular e a sua produção contemporânea não desconsidera o agente e o ato de fotografar.

Para reforçar e exemplificar esse recorte, a estudiosa, retoma nomes significativos da fotografia, tais como, Cartier, Carol Guzy e Sebastião Salgado. De Cartier destaca a estética do gesto, o segundo, por sua vez, destaca o aspecto documental de fatos históricos, e de Sebastião Salgado a denúncia visual dos oprimidos. Do cinema, Santaella destaca o caráter dinâmico da realidade visível que a fotografia não conseguia representar. Enquanto ela é contemplativa, o cinema configura-se como movimento, mobilidade e velocidade num imbricamento de linguagens em diálogo como um todo (imagem, palavra, música, ruído etc).

O terceiro e quarto capítulo exploram as imagens que articulam e integram, em sua composição, a palavra e a imagem e as suas relações diversas na construção de sentidos. Na rubrica *Imagens nos livros ilustrados* explora as proximidades entre imagem e texto, considerando três tipologias de leitura como forma de leitura dos enunciados verbo-visuais: a relações sintática, semânticas e pragmáticas.

Na rubrica *Imagens na publicidade* reitera a necessidade e a importância da leitura de imagens na publicidade com a ajuda do discurso verbal que direciona a abertura da imagem. Já que a imagem publicitária não possui certa independência como a fotografia e a pintura, o discurso verbal integra o significado e a identidade do produto ou ideia nos mecanismos de sentido.

O quinto e último capítulo trata das rubricas *Imagens no design* e *A imagem no contexto da hipermídia*. Esse último olhar conceitua e apresenta a hipermídia como a nova configuração de linguagens humanas, constituída pela fusão do hipertexto com a multimídia. O hipertexto caracteriza-se, segundo Santaella, ãpor nós ou pontos de intersecção que, ao serem clicados, remetem a conexões não lineares, compondo um percurso de leitura que salta de um ponto a outro de mensagens contidas em documentos distintos, mas interconectadosö (p.177). Na conexão dos hipertextos com documentos distintos e multimidiáticos (fotos, músicas, vídeos etc), inaugura-se uma nova maneira de formar, configurar e disseminar informações: a hipermídia.

Leitura de imagens, em seu conjunto, questiona ou desconstrói opiniões, ideias e concepções que, muitas vezes, são instituídas como naturais, necessárias, consensuais, para a leitura ou trabalho pedagógico com a imagem. Nesse sentido, a obra traz importantes reflexões e críticas sobre ideias estabelecidas pelo senso comum.

Dentre vários valores do ensaio, um deles está na retomada de elementos culturais, científicos, estéticos, artísticos e técnicos para a construção de uma leitura de imagem que não seja óbvia, intuitiva ou ingênua, e que por isso, é necessário aprender a ler as relações estabelecidas entre os elementos que formam o todo do enunciado.

Completamente sintonizado com a contemporaneidade, *Leitura de imagens*, de Lucia Santaella aborda ainda a vantagem de estimular a leitura não apenas no ambiente escolar, mas também em outros espaços, focalizando a relevância de formar leitores em linguagens e mídias diferentes.

REFERÊNCIAS:

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo. Melhoramentos. 2012. 184 p. (Coleção *Como eu ensino*).

Recebido em 13/08/2014.

Aceito em 09/10/2014.